

Tensão intelectual entre tradição e modernidade: Curitiba 1920 – 1950.

HELENA ISABEL MUELLER*

Na década de 1940, o escritor paranaense Dalton Trevisan fundou a revista *Joaquim*: era a materialização do desejo de alguns intelectuais curitibanos de transcender o “provincianismo” reinante na cidade bem como o “beletrismo paranista”¹. Caberia à revista levar o moderno para o inculto e arcaico que caracterizava a sociedade curitibana de então, de acordo com seus fundadores. Os números editados permitem, mesmo que pelo avesso, que se apreenda o universo cultural da cidade de Curitiba; para Dalton Trevisan uma cidade que se afirma e se nega, que abriga conservadores e tradições ao mesmo tempo em que se reinventa através de personagens e situações que fazem aflorar a rebeldia, o inconformismo e a marginalidade. A opção do autor pela Curitiba rebelde é reafirmada em toda sua obra, apontando a tensão existente ente uma cidade bem comportada, aquela do discurso do poder e do que ele chama de elite intelectual, e aquela transgressora “...humana, povoada de loucos, rufiões, prostitutas, colonos, normalistas de gravatinha, neopitagóricos, soldados do fogo, entre outros.” (NICOLATTO, 2004:124) No número 6 da revista, em 1945, Trevisan publicou “minha cidade”, texto que será reeditado algumas vezes com alterações internas e no título que passa a ser *Em busca de Curitiba perdida*. Nele faz um inventário da cidade por meio da ficção, deixando à mostra a Curitiba das carrocinhas das polacas de lenço colorido na cabeça, das normalistas de gravatinha que atraem os voyeurs na saída de escola, das figuras como Gigi que, em suas palavras é um pidão que não ganha nada. Se não pela crítica mordaz, pelo silêncio, nos deixa entrever o conservadorismo no qual está enraizada a cidade e que configura sua vida social e cultural.

Esta última é a Curitiba escolhida para o presente trabalho. Uma cidade marcada pelo tradicionalismo de sua história oficial, pelas histórias familiares que vêm

* Doutora em História pela USP. Professora aposentada da UFF. Professora da UEPG.

¹ Paranismo foi um movimento que se instituiu para afirmar o que se pode dizer como a *nação* paranaense, um sentimento de pertencimento a uma terra e de identidade regional, política e cultural. Tem como uma de suas expressões as diversas representações do pinheiro (*Araucária Brasiliense*) como símbolo de identidade. Ver: Luis Fernando....

compartilhando o espaço cultural e político, pela imigração que traz para seu cotidiano a figura de um “outro” que nela se integra ao mesmo tempo em que é marginalizado.

O período trabalhado é fértil e transformador para o país e para a cidade de Curitiba: as décadas de 30 a 50 do século XX. O modernismo está fervilhante em discussões e propostas, seja enquanto movimento estético quanto literário. A cidade de Curitiba vai interagir com o modernismo de diversas maneiras, seja a ele se integrando com suas próprias características de afirmação de uma identidade cultural, como o Paranismo, seja a ele reagindo como fazem os intelectuais de prestígio naquele momento.

Por outro lado, o que só será tangenciado aqui, o processo de transformação da cidade de Curitiba a conduz inexoravelmente para a modernidade, com a urbanização, a implementação do Plano Agache a construção do Centro Cívico, entre outras questões². Parodiando João Cabral de Mello Neto, não há guarda-chuvas contra a modernidade para a cidade naquele momento. O processo de modernização urbana provocaria seu correspondente no plano cultural, mental e comportamental rompendo com o tradicionalismo e mexendo com a hegemonia até então não questionada dos intelectuais que expressavam o tradicionalismo. A modernidade incomoda e provoca a um movimento de reação, na direção de reconduzir a sociedade para o caminho do tradicionalismo pautado no catolicismo.

Esta reação tem forte expressão através dos chamados intelectuais católicos, liderados inicialmente por Jackson de Figueiredo, e a seguir por Alceu de Amoroso Lima que cerram fileiras em combate ao modernismo bem como ao comunismo – não esqueçamos que o Partido Comunista havia sido fundado em 1922 e no período teve papel importante nas relações sócio-político-culturais da sociedade brasileira. A revista cultural *A Ordem*, fundada por Figueiredo juntamente com o Cardeal Dom Leme, teve papel agregador e simbólico no movimento. Em Curitiba encontraram nos intelectuais do Círculo de Estudos Bandeirantes ampla receptividade.

Como pano de fundo (se é que assim se pode dizer) das questões acima está a ascensão dos fascismos na Europa em especial as figuras de Mussolini e de Hitler. A ordem e da

² Para o projeto urbanístico de Curitiba das décadas contempladas no trabalho ver. MUELLER, Oscar *Centro Cívico de Curitiba um espaço identitário*. Dissertação de Mestrado (Arquitetura), UFRGS, 2006; DUDEQUE, Irã *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Nobel, 2001.

disciplina, a possibilidade de uma sociedade bem organizada e disciplinada é atraente para o grupo católico – que longe de ser homogêneo, irá expressar sua diversidade não só em relação à II Guerra Mundial, mas em relação a questões da vida, da política, da educação, etc. Em relação a esta última têm opinião formada dentro do movimento católico e recusa aos projetos e políticas que defendem o ensino laico, público e gratuito, propugnando por uma educação norteada - e norteadora - pelos ideais católicos, seja em termos da educação básica quanto universitária, essa tida como formadora das elites governantes.

Dentro do quadro acima e para alicerçar o objeto do presente trabalho, são necessárias considerações sobre os intelectuais curitibanos em torno do *Círculo de Estudos Bandeirantes*, fundado em 1929 por intelectuais/profissionais liberais (médicos, advogados, geógrafos, etc.) católicos laicos, como espaço cultural de agremiação e discussão – um espaço que dá forma à rede de sociabilidades de um determinado grupo de intelectuais que podemos chamar de tradicionais. (HANICZ, 2006:210-212)³

Por que o nome *Círculo de Estudos Bandeirantes* em Curitiba da década de 1920? Perceber a construção da identidade do CEB com os bandeirantes, não os paulistas mas os desbravadores e ampliadores de fronteiras, permite uma melhor compreensão de seus objetivos. “A associação e o paralelismo com os bandeirantes corresponde à construção de um discurso ideológico nacionalista e regionalista de perfil católico” (HANICZ 2006:227) e seus membros se atribuíam uma missão civilizadora do mundo moderno dos anos 30 e 50 do século XX semelhante à das bandeiras e à jesuítica de séculos anteriores.

A preocupação do CEB era essencialmente cultural, de divulgação de suas idéias defensoras das referências tradicionais do comportamento humano, ancorado na doutrina cristã e católica, que haviam sido deslocadas pelo modernismo; assim como os comunistas, ainda sem o peso imposto pela guerra fria, eram considerados desestruturadores da boa sociedade, aquela ancorada na tradição, em valores que vinham alicerçando a vida curitibana, e também nacional. O que unia as duas vertentes

³ Teodoro Hanicz faz, em sua tese de doutorado, um aprofundado estudo do Centro de Estudos Bandeirantes em uma descrição consistente de como ele foi o espaço no qual se construiu a rede de sociabilidades desse grupo de intelectuais. Ver também MARCHETTI, Tatiana *Corvos nos galhos das acácias: anticlericalismo em Curitiba (1896-1909)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, para o movimento que antecedeu e “motivou” os intelectuais do Círculo.

desestruturadoras, no imaginário dos intelectuais católicos, era menos a questão política que o fato de que elas eram portadoras do novo que levava ao questionamento dos valores até então considerados sólidos. A civilização, portanto, deveria ser defendida. Qual civilização? Aquela que estava vinculada à tradição e aos bons costumes.

Aprofundando a “missão cultural” de resgatar os valores tradicionais cristãos, em 1934 o Círculo lançou sua revista, que tinha como proposta a publicação de trabalhos de seus membros e ser o veículo dos estudos, especialmente aqueles paranaenses, através da produção literária e científica do grupo. As reuniões semanais de estudos, que promove e que passeiam pelas mais diversas áreas do saber, irão contribuir para viabilizar a consolidação do projeto. A Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes foi publicada até 1956 e retomada, em nova fase, em 1988.

A cada reunião semanal era sorteado um palestrante, entre os membros do Círculo, que deveria tratar de um tema de sua preferência ou área de saber. A temática era variável e ampla, versando sobre antropologia, direito, história, filosofia, literatura, etc., conforme o desejo do autor, o que mostra o diletantismo que imperava no período. A configuração de uma especialização nas áreas do saber, principalmente aquelas relacionadas às ciências humanas, não era do conhecimento do grupo. Por outro lado, a frequência às reuniões era controlada e havia penalidade para aqueles que faltassem a em demasia (HANICZ, 2006) que seriam convidados a se retirar do Círculo. A disciplina e a ordem eram princípios muito caros para os intelectuais católicos.

Uma idéia da amplitude das temáticas tratadas nas reuniões pode ser apreendida por alguns de seus títulos, aqui escolhidos aleatoriamente, como exemplos: *Nos domínios da incoherencia* (sic), a primeira; *A intangibilidade da lei*; *Cinema falado em Inglês*; *Grafia da palavra CORYTIBA*; *Histeria*; *Pictografias e Inscrições* (sic) *indígenas no Brasil*; *Milagres de Lourdes*; *O divórcio e o suicídio*; *Destinos do socialismo* (1933); *Hitler e a Santa Sé* (1933); *“Judaisme et marxisme”*; *A questão social diante do Estado Novo*; *Palestra bibliográfica sobre o livro BABBIT de Sinclair Lewis*, entre muitas outras. As reuniões foram até 1959 e as últimas versaram sobre *Aspectos institucionais da crise brasileira* e *Homenagem a Clovis Bevilacqua*. (HANICZ, 2006: 313-337) Chama a atenção o fato de apesar de o Círculo se propor a interferir na sociedade questionando os novos e destrutivos valores, poucas sessões trataram de

problemas sociais nacionais ou internacionais, nem mesmo dos regionais. Mesmo em relação à II Guerra Mundial, ou à política do Estado Novo, pouco foi discutido.

As reuniões semanais levaram os “bandeirantes” pensar da necessidade de um aprofundamento nas discussões filosóficas; promoveram cursos de filosofia para seus integrantes, com palestras ministradas por seus membros. Em seu desdobramento será aprofundada e o que desembocará na criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Paraná em 1938, que teve como mantenedora a União Brasileira de Educação e Ensino dos Irmãos Maristas (HANICZ, 2006:250), ou seja, foi uma das Faculdades que integraram o que chamaríamos aqui de sistema da Universidade Católica no Brasil. A criação de um sistema educacional, em especial de ensino superior, católico e não laico, foi um dos projetos mais caros aos intelectuais católicos, e sistematicamente defendido por Alceu de Amoroso Lima (que visita a Faculdade em 1943) junto ao Ministro da Educação Gustavo Capanema. O significado da Faculdade é manifesto nas palavras da “bandeirante” Cecília Westphalen (1988:18,apud HANICZ 2006:250), em seu livro sobre a história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “..a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná seria, pela sua atuação nos meios curitibanos e paranaenses, o grande instrumento da cultura católica”. Ainda outro “bandeirante” Brasil Pinheiro Machado, em seu discurso na formatura da turma de 1940 da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, diz que esta “...criou um clima propício ao desabrochar uma verdadeira liderança intelectual, dentro do desordenado ambiente da cultura nacional” (apud HANICZ 2006:251).

Após descrição do espaço de sociabilidade no qual se movimentava, nas palavras de Dalton Trevisan, a elite intelectual curitibana, é possível aproximar o objetivo desse estudo que é trabalhar com a figura intelectual de Brasil Pinheiro Machado, um dos “bandeirantes” que, de acordo com a proposta do estudo, transcende os limites de um círculo de pensamento, na direção de uma certa autonomia.

A seguir uma introdução “oficial”o personagem, centro das atenções do estudo:

Brasil Pinheiro Machado, filho de Brasil Ribas Pinheiro Machado e de Eugênia Guimarães Pinheiro Machado, nasceu em Ponta Grossa, Paraná, a 12 de dezembro de 1907. Fez seus estudos iniciais no Colégio Becker. Realizou os preparatórios em São Paulo, no Liceu Salesiano Coração de Jesus. Coursou, finalmente, a Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro,

formando-se em 1930.(Galeria dos Governantes – Casa Civil – Governo do Paraná)

De volta a Ponta Grossa, em 1932, foi nomeado Prefeito Municipal, durante o governo do interventor Manoel Ribas e, em 1935 foi deputado na Constituinte estadual; o mandato foi interrompido com o advento do Estado Novo em 1937. Em 1939 foi convidado para o cargo de Procurador Geral do Estado. Foi interventor federal no Estado do Paraná em 1946, na fase de transição democrática, por um curto período, tendo em vista as disputas e intrigas locais para a sucessão no governo.

Após o período de participação na política institucional se voltou, diria integralmente, para a atividade acadêmica na Universidade Federal do Paraná onde era Professor Catedrático de História do Brasil (A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi federalizada, juntamente com a Universidade do Paraná em 1950). Sua carreira acadêmica não se caracterizou por uma volumosa produção publicada, mas principalmente por abrir um importante espaço de discussão e de orientação não só para com seus alunos, mas, em especial, com seus pares no Departamento de História e na Faculdade de Filosofia, da qual foi diretor por longo período. Foi também vice-reitor da UFPR, bem como reitor em exercício pouco antes de sua aposentadoria.

Para além desta apresentação formal, trabalhar com a imagem e o imaginário que acompanha Brasil Pinheiro Machado tem um significado importante no estudo da cultura escrita, da cultura acadêmica em especial da historiografia do Paraná. Estudos foram feitos, relacionando-o a intelectuais curitibanos contemporâneos seus, como José Loureiro Fernandes e David Carneiro e Bento Munhoz da Rocha. Como exemplos: Maria Julieta W. Cordova (2009), discute três intelectuais paranaenses, entre eles Pinheiro Machado e, a partir das noções de Bourdieu de *linguagem autorizada* e *espírito de família* chega ao que chama de *discurso regional autorizado* que caracterizaria os intelectuais acima. Nevio Campos (2007), por sua vez, discute a instituição da Faculdade de Filosofia na Universidade Federal do Paraná, nos anos de 1930/40, e a vinculação dos intelectuais que dela participaram com o pensamento católico do período.

Trabalhar a figura intelectual de Brasil Pinheiro Machado se insere em um estudo de história do tempo presente não só por sua temporalidade, que alarga as fronteiras

temporais de um estudo deste gênero, mas pela atualidade das questões que ele levanta para a história e historiografia do Paraná. Por outro lado a relação modernidade/tradicionalismo ainda incomoda a cidade de Curitiba. Em entrevista para um jornal da cidade Décio Pignatari, que presentemente mora em Curitiba, chama atenção para ela: diz ele que a cidade em termos físicos é moderna, contemporânea, no entanto, em termos culturais ainda é bastante provinciana. O imaginário da cidade se movimenta, atualmente, na direção de romper com essa imagem, seguindo o fluxo de idéias e representações apontados principalmente pelo uso generalizado dos mecanismos eletrônicos. Nesse sentido, pensando com ROUSSO (1986:85), um estudo de história do tempo presente “...implica na confrontação direta e o diálogo permanente com os vestígios vivos do passado”.

Luiza Passerini (2006:211-214) salienta a importância de “...separar o presente do imediato para que a relação presente/vivido se torne verdadeiramente significativa” o como estímulo para que se pense a relação entre presente e futuro, salientando a responsabilidade do historiador do tempo presente para com o político, com o social, da necessidade de uma responsabilidade cívica. Mais adiante a autora acima se remete a Hannah Arendt que retoma a parábola sobre a luta travada “...por *ele* (o título do apólogo e *Er* [ele], mas hoje bem poderíamos dizer *ela*) contra dois adversários: o primeiro está atrás de si e o empurra pelas costas; o segundo está à sua frente e barra-lhe o caminho”(PASSERINI, 2006:213): o passado contra o futuro e vice versa, o presente olhando para o futuro com suas raízes – imobilizadoras? - no passado. Essa tensão mostra que o tempo não é um *continuum* “... mas interrompe-se no ponto onde ele/ela tem que se posicionar contra o passado e o futuro juntos” o que sugere, para a autora, a noção de lacuna, não como um vazio, mas um campo de forças que o homem cria, para pensar. Chama a atenção para que o momento da introdução da lacuna se dá com a modernidade como fato político. Para ela a história do tempo presente pode contribuir para que seja criada a lacuna “que cada geração nova, ser humano deve descobrir e preservar mediante trabalho assíduo”(idem). Ou seja, a temporalidade da história do tempo presente vista como a evidência de um momento de tensão, não necessariamente de ruptura, mas de exacerbação da luta entre o que é passado e o que vai ser o futuro.

Chartier (2006:215-218), por sua vez, salienta que a história do tempo presente dá uma perspectiva aguda para uma das questões mais difíceis no trabalho do historiador que é

“a articulação entre a parte voluntária e consciente da ação dos homens e os fatores ignorados que a circunscrevem e limitam” (216). A tensão entre aquilo do qual temos certeza – ou achamos que temos – e o desconhecido - um *outro* sobre o qual não sabemos até que ponto poderemos controlar.

As questões acima dão consistência ao estudo que está sendo desenvolvido nesse trabalho. A resistência ao novo, o medo que ele venha corroer o chão no qual pisavam (e pisam) os tradicionalistas, apesar de suas raízes profundas e bastante sólidas, os fez articular um espaço de defesa e uma rede de sociabilidades que foi o Centro de Estudos Bandeirantes.

Brasil Pinheiro Machado entra pela porta dos fundos no CEB. Estudou no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional de Direito, onde se formou em 1930 quando foi contemporâneo a Sergio Buarque de Holanda. Circulou nos meios modernistas, como mostram seus poemas escritos em 1928 e reeditados em 2001 que, na linha de Mário de Andrade, chamam atenção para diversidade da cultura brasileira. No caso de Pinheiro Machado a intenção era a de inserir o Paraná na brasilidade através do que seria específico e diferenciador das terras paranaenses, juntamente com o espanto daqueles de pele morena, vindos de outras plagas, provocado pelos olhos azuis e cabelos amarelos sulinos. Em suas palavras (MACHADO, 2001:31):

O Brasil este no Amazonas

No nordeste

No sertão

Em São Paulo

No sul

As atas das reuniões semanais do Centro de Estudos Bandeirantes registram, em abril de 1930, registram uma polêmica provocada por um artigo de Brasil Pinheiro Machado na revista *A Ordem*, porta voz dos intelectuais católicos, no qual ironiza o Paraná

Apesar de ser o Estado de futuro mais próximo, forma nessa retaguarda característica de incharacterístico. E, olhando as oscilações de tudo, dos costumes indo e vindo, nem sempre evoluindo, da vida sem fixação nenhuma da quase totalidade da população, eu poderia afirmar sem errar muito que o paranaense não existe. Não sob o ponto de vista racial, no Brasil a existência demais de uma raça definida, quando sob esse aspecto nem o brasileiro existe. O paranaense não existe como existe o gaúcho, mais ou menos

perfeitamente definido nos seus ideais, como existe o paulista eloqüentemente representado na história por gigantescos homens de ações.⁴

Pode se imaginar a reação dos “bandeirantes”: Bento Munhoz da Rocha, sai em defesa do Paraná, sendo secundado por outros membros presentes ressaltando o espaço das tradições que representa o CEB. (HANICZ, 2006:314)

Mais adiante Pinheiro Machado irá se filiar ao Centro, tornando-se ele mesmo um “bandeirante” com participação ativa como palestrante. De acordo com o trabalho de Hanicz⁵, sua primeira fala foi em 1939 *Seguem-se: Novos instrumentos de deliberação dos povos atuais*; em maio de 1940: *A expansão sul americana e o caráter da formação do Estado no século XVIII*; agosto de 1940: *Homenagem a companhia de Jesus pelo transcurso do IV centenário da aprovação da mesma pela Sé Apostólica*; 1941: *A revolução econômica mundial*; 1942: *A filosofia da história* (a sessão foi suspensa pela morte de D. Leme, um dos principais mentores dos intelectuais católicos). Na sessão de outubro de 1945, fala sobre *A concepção histórica da pessoa humana* e nas sessões subsequentes retornou ao tema da história do Paraná: *O Paraná histórico* em 1947 e *Considerações sobre estudos paranaenses* em 1957. Este último bastante significativo e um belo tema para quem, em 1930, dizia que o Paraná não existia...

O pequeno histórico acima permite expressar outro olhar do estudo que é o da perspectiva da história dos intelectuais, dentro da perspectiva de Chartier de *cultura escrita*, fazendo notar que esta não se restringe à escrita “preta no branco” materializada no papel; refere-se também, e talvez principalmente, a outras formas da fala/linguagem. Poder-se-ia dizer, com Foucault, que são as diversas formas do discurso. Penso que esta é uma questão importante, na medida em que diversas dos discursos de Brasil Pinheiro Machado não foram materializadas em um escrito impresso, publicado permanecendo em manuscrito ou, talvez sua maioria, mantiveram-se em sua oralidade sendo que sua dimensão e seu sentido está, exatamente, em terem permanecido assim. Nas palavras de Chartier (2001:30),

⁴ MACHADO, Brasil Pinheiro. Instantâneos paranaenses. In: Revista do Centro Vital. A Ordem. Rio de Janeiro, ano X, n.º 5, 1930. p. 8. Apud MARSON, Elisio dos Reis, 2005. p. 36.

⁵ HANICZ elabora uma tabela contendo as reuniões semanais do CEB, listando as datas, os temas abordados e os palestrantes. As informações acima foram extraídas desse trabalho.

Essa materialidade geralmente é um objeto, um manuscrito ou um impresso, mas também pode ser uma forma de representação do texto sobre o palco, uma forma de transmissão vinculada às práticas da oralidade: recriar um texto, lê-lo em voz alta, etc. Todos esses materiais, corporais ou físicos, pertencem ao processo de produção de sentido....

No entanto, seguindo ainda Chartier, trabalhar a textualidade de Brasil Pinheiro Machado demanda que se atente para o papel do leitor na produção do sentido, à medida que são os leitores que têm a possibilidade de traduzir a escrita, tendo-se em mente as convenções e os códigos das diversas comunidades de leitura.

Por outro lado o olhar dirigido ao intelectual o percebe como um ser essencialmente político, em íntima relação com o mundo que o cerca. Jacques Rancière chama atenção para a relação significativa que existe entre a “...mão que traça a linha ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo que o anima com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com sua própria alma” (RANCIÈRE, 1995:7). Esta relação expressa a identificação entre quem escreve e a comunidade a que pertence, pois o ato de escrever expressa a constituição estética da comunidade.

Pensar a história de intelectuais nos remete aos estudos de Raymond WILLIAMS (1999) e François DOSSE (2007). Dosse chama a atenção que para que a história intelectual se localize em um ponto de interseção entre a história das idéias, a história da filosofia, a história das mentalidades e a história cultural. Nesse sentido, no presente projeto está sendo pensada uma história dos intelectuais vinculada ao projeto de elucidar os pensadores em sua historicidade, em suas inscrições nas práticas vinculadas ao domínio discursivo. Ou seja: uma aproximação das obras na história mesma de sua produção.

Raymond Williams, em seu texto sobre o grupo Bloomsbury, chama a atenção para o sentido grupal que uniu seus participantes. O sentido que mantinha suas relações fortes era quase que o de um grupo familiar que parece refletir de certa forma as relações entre os intelectuais reunidos no CEB.

Para finalizar é necessário dizer que esse trabalho é fruto de um momento inicial de uma pesquisa que está sendo desenvolvida. A oportunidade de trabalhar com o intelectual Brasil Pinheiro Machado foi dada por sua família ao me permitir a leitura e estudo de

seus cadernos de trabalho (mais ou menos 28) que contém textos por ele escritos desde a década de 1950 e que vão até, aproximadamente, a década de 80. Estes cadernos certamente não ficarão em minha posse e serão oportunamente encaminhados a uma instituição de pesquisa. Nesse momento estou esboçando minhas reflexões iniciais para que possam ser compartilhadas e discutidas.

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger *Cultura escrita, Literatura e História*; conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, Roger A visão do historiador modernista. AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006: 215-218.

CORDOVA, Maria Julieta Weber *Tinguís pioneiros e adventícios na mancha loira do sul do Brasil: o discurso autorizado de formação social e histórica paranaense*. Tese (Sociologia) UFPR, 2009.

CAMPOS, Nevio Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade: 1892-1938. *Inter-ação*, vol. 32, n. 2, 2007. Ver também CAMPOS, Nevio Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade: 1892 – 1950. Tese (História) UFPR, 2007.

DOSSE, François *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Universidade de Valencia, 2007. Disponibilizado em books.google.com

HANICZ, Teodoro *Modernidade religião e cultura*. O Círculo de Estudos Bandeirantes e a restauração do catolicismo em Curitiba (1929-1959). Tese (Ciências da Religião) PUC São Paulo, 2006.

MACHADO, Brasil Pinheiro *Poemas seguidos de dois ensaios*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

MARSON, Elísio dos Reis *No limiar do horizonte: manifestações e discursos divisionistas norte/sul e política integracionista no Paraná (1920-1975)*. Dissertação de Mestrado (História) UNESP, 2005.

PASSERINI, Luisa A “lacuna” do presente. AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006: 211-214.

PEREIRA, Luiz Fernando L. *O Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

RANCIÈRE, Jacques *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995: 7.

WILLIAMS, Raymond A fração Bloomsbury. *Plural; Sociologia*, USP, São Paulo, nº 6, p. 139-168, 1999.